



## QUANDO POESIA RIMA COM TRABALHO: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS A PARTIR DE UM SARAU LITERÁRIO

Érica Peçanha do Nascimento – [ericapecanha@usp.br](mailto:ericapecanha@usp.br)

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; bolsista Fapesp e Capes;  
<https://orcid.org/0000-0002-2167-7016>.

**RESUMO:** Associados a expressões variadas, como literatura marginal e periférica, escritores originários das camadas populares e majoritariamente identificados como negros têm ganhado visibilidade na cena cultural brasileira, desde o final dos anos 1990. Boa parte deles também está engajada em coletivos literários que, entre outras atividades, promovem saraus em periferias e favelas, apropriando-se e dando novos significados a um tipo de prática atribuída às elites econômicas e culturais. Tendo como referência esse contexto, bem como um conjunto de políticas organizadas para responder às demandas desses artistas e ativistas, o artigo enfoca as trajetórias de Raquel Almeida e Michel Yakini, cofundadores do Coletivo Literário Elo da Corrente, para discutir perspectivas de profissionalização na área cultural. Os dados e reflexões aqui apresentadas se baseiam em entrevistas realizadas em diferentes momentos da atuação pública desses escritores, assim como se apoiam em uma série de pesquisas realizadas sobre produção cultural nas periferias paulistanas (NASCIMENTO, 2006; 2011 e 2017). Em diálogo com teóricos que refletiram sobre trajetória social (BOURDIEU, 1986), projeto de vida (DAYRELL, 2005a), transição para vida adulta (SPOSITO, 2007) e políticas voltadas para a democratização da cultura (como VILUTIS, 2009, ABREU, 2010 e MAIA, 2014), busca-se demonstrar que, mais do que importantes instâncias de produção e difusão de literatura nas periferias, os saraus são espaços a partir dos quais seus frequentadores assíduos agenciam subjetividades, modos de ser e estar no mundo, ao criarem vínculos afetivos com o território periférico e acessarem novas oportunidades de participação política, vivência comunitária e atuação profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escritores da periferia; saraus literários; políticas culturais.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde o final dos anos 1990, vê-se na cultura brasileira a projeção de escritores originários das camadas populares e majoritariamente identificados como negros, que, por meio de narrativas ficcionais e (auto)biográficas, apresentam temas, termos, personagens e linguajares que refletem as margens do urbano e provocam tensões na crítica acadêmica. Associados a expressões variadas, como literatura marginal, literatura periférica, literatura suburbana e literatura das quebradas, boa parte desses escritores também está engajada em coletivos literários, que entre outras atividades, promovem saraus regulares que servem para dar vazão a essa produção, mas cujos desdobramentos estão muito além da criação, circulação e consumo de produtos artísticos (NASCIMENTO, 2006).

Embora a realização de saraus literários não seja um fenômeno exclusivo das periferias, tampouco sua origem seja ligada aos bairros que margeiam centralidades geográficas, econômicas, políticas e culturais, trata-se de um tipo de iniciativa que assumiu contornos específicos a partir de sua associação ao território periférico no início dos anos 2000. Os saraus são realizados nos espaços disponíveis nas

periferias e favelas (bares, escolas, associações comunitárias, praças etc.), em horário posterior à jornada de trabalho, com entrada gratuita e com foco na fruição de produtos autorais relacionados à cultura periférica – que tem marcas territoriais, raciais (negra) e de classe (popular) muito bem definidas. Esse modelo de realização de saraus nas periferias demonstra a apropriação de uma prática tradicionalmente ligada às elites econômicas, ao mesmo tempo que aponta para uma ressignificação do próprio território periférico, tendo em vista que a autoidentificação como poetas e escritores, ou mesmo a visibilidade alcançada pelos saraus na cena pública, promove vínculos afetivos e de pertencimento às periferias e favelas.

Os saraus são, ainda, importantes instâncias de produção e difusão de literatura nas periferias, espaços para comercialização de livros, para a formação de novos autores, leitores e espectadores da poesia. Por meio da prática poética, seus frequentadores assíduos estão agenciando também suas subjetividades, modos de ser e estar no mundo. E como poetas, ativistas e escritores se colocam num outro lugar que não apenas o de trabalhadores, carentes, desprovidos de oportunidades, excluídos sociais, entre tantas outras identidades atribuídas a eles (NASCIMENTO, 2011).

Nos saraus, a poesia, como qualquer outro gênero literário, pode ser vista como um meio de expressão individual e coletiva, o que permite que profissionais não relacionados às atividades intelectuais ou artísticas assumam a identidade de poetas, mesmo aqueles que não escrevem textos literários, apenas os declamam, ou ainda, os que não se dedicam nem ambicionam a carreira profissional. Nesses espaços, o título de poeta é uma espécie de reconhecimento comunitário, autoatribuído e imputado pelos pares do sarau em consideração ao vínculo criado e assiduidade de participação (NASCIMENTO, 2011).

Ao lado disso, a participação em saraus periféricos também possibilita que jovens e adultos projetem ou construam carreiras ligadas à arte e a cultura (como escritores, oficinairos ou arte-educadores em inúmeros projetos sociais ou equipamentos públicos), com oportunidades de profissionalização para além daquelas tradicionalmente associadas às camadas populares (como tarefas manuais ou de baixa especialização) e a outras que surgiam como caminhos para a ascensão social dos moradores desse tipo de território, como jogador de futebol, cantor(a) de samba, rap ou funk (NASCIMENTO, 2017).

É a partir da trajetória daqueles que se autoidentificam como poetas, escritores e ativistas culturais que este artigo visa à discussão das relações entre participação em movimentos culturais periféricos e construção da carreira de escritores, com o objetivo de refletir, também, sobre a transição para a vida adulta e profissionalização na área da cultura. Trata-se, aqui, de focar o percurso de alguns desses artistas-ativistas e articular os desdobramentos desse contexto recente de proliferação de saraus literários e de ações públicas focadas na periferia no agenciamento de identidades individuais, pertencimento social e elaboração de perspectivas profissionais. Desse modo, busco pensar a relação de sujeitos concretos com esse contexto recente, no intuito de refletir sobre como a expansão da chamada cultura da periferia

e algumas experiências de democratização das políticas culturais articulou-se nas trajetórias de vida e foi significada por alguns escritores, cujas biografias são atravessadas por esses fenômenos desde a juventude.

Para essa discussão, proponho um olhar para as trajetórias de Raquel Almeida e Michel Yakini, cofundadores do Coletivo Cultural Elo da Corrente, que atua na Zona Norte de São Paulo, a partir de entrevistas que realizei com ambos em diferentes momentos de suas vidas<sup>1</sup>. Foi a participação em saraus que os formou como ativistas culturais, poetas e escritores, mas os dois também têm em comum a vivência da infância e da juventude em bairros de periferia, a experiência de transitarem para a vida adulta engajados na participação político-cultural, a construção de projetos de vida que incluem a profissionalização e a atuação na área da cultura, além de terem suas trajetórias marcadas pela intersecção entre suas carreiras e algumas políticas públicas de cultura. Nesse sentido, o artigo aborda a trajetória familiar, de escolarização e de engajamento cultural desses escritores, para depois discutir suas atuações no mercado de trabalho formal e na área da cultura, bem como as relações que eles estabelecem entre suas profissionalizações e algumas políticas ainda em curso.

Um primeiro conceito que norteia a análise aqui apresentada é a noção de trajetória social de Bourdieu (1986), para quem as trajetórias são resultados de biografias individuais e coletivas. Ou seja, produtos das relações entre variados agentes (como a família, a escola e as políticas públicas) e atores que vivem nas mesmas condições históricas e culturais. Entretanto, levo em consideração também, tal como enfatiza Pais (2001), que é preciso escapar da tendência de privilegiar a linearidade nos percursos biográficos e buscar interpretar os relatos a partir das instabilidades e constantes idas e vindas que se acentuam numa trajetória social, sobretudo quando se trata do percurso de jovens em direção à vida adulta.

Outras noções importantes são as ideias de projeto e projeto de vida. Segundo Velho (1994), um projeto pode ser visto como a expressão, produto e causa das sociedades modernas. Trata-se de um conjunto de prospecções, baseadas em deliberações de escolhas dentro de um quadro sociocultural e um campo de possibilidades estabelecidos, a partir do qual os indivíduos podem criar identidades para si, alimentar visões de futuro e estabelecer estratégias para alcançar seus objetivos. Um projeto de vida pode ser compreendido, então, conforme apontou Dayrell (2005b), como uma ação de escolha do indivíduo dentre os futuros possíveis numa dada realidade concreta, podendo ter caráter individual e coletivo, e modificar-se à medida que os sujeitos amadurecem e há mudança nos seus campos de possibilidades.

---

<sup>1</sup> Refiro-me às entrevistas realizadas no âmbito das pesquisas de doutorado e de pós-doutoramento que realizei entre os anos de 2007 e 2017. Raquel e Michel foram entrevistados em 2009 e 2015, ela com 22 e 28 anos, e ele aos 28 anos e 34 anos, respectivamente. A pesquisa de doutorado foi viabilizada pela bolsa cedida pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo) e o estágio pós-doutoral foi contemplado com bolsa do Programa Nacional de Pós-doutorado da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Outro aporte é o entendimento de que as distintas fases da vida (infância, juventude, maturidade) são histórica e culturalmente produzidas a partir da referência ao desenvolvimento do ciclo biológico, mas também se desdobram em representações, grades de idades e posições sociais específicas. De tal modo, pensar a transição da juventude para o mundo adulto dos escritores aqui enfocados implica em problematizar eventos e experiências que atravessaram suas vidas, assim como os significados que atribuíram a eles, tendo como referência as variações, contradições, descontinuidades, desconexões que podem marcar a passagem de uma fase a outra e mesmo coexistir nas diferentes etapas (SPOSITO, 2007).

Por fim, tem-se como referência dados e reflexões organizados em um conjunto de pesquisas que desenvolvi sobre a temática da produção cultural nas periferias paulistanas (NASCIMENTO, 2006; 2011 e 2017), em diálogo com outros pesquisadores que buscaram discutir a profissionalização dos escritores da periferia no contexto contemporâneo.

## 2 FAMÍLIA, ESCOLARIZAÇÃO E ENGAJAMENTO CULTURAL

Raquel Almeida nasceu em 1987 e é mãe de uma menina de 11 anos. Natural de São Paulo, é a terceira de uma família de sete filhos. Sua mãe é dona de casa e empregada doméstica, o pai é caminhoneiro e ambos migraram do Nordeste para a periferia paulistana em busca de melhores oportunidades de vida. Toda a sua trajetória escolar no nível básico ocorreu na rede pública, e foi marcada pela interrupção do segundo ano do ensino médio em função da responsabilidade de ter que cuidar dos irmãos mais novos e de trabalhar para ajudar na renda da família. A conclusão desse nível de ensino deu-se posteriormente, a partir da obtenção do certificado via prova do Enem. Também interrompeu o curso de Licenciatura em Música numa universidade privada, que cursou por dois anos beneficiada por uma bolsa do Prouni<sup>2</sup>.

Michel Yakini, 39 anos, é pai de duas meninas. Tem duas irmãs e é o filho do meio de um casal de migrantes: a mãe, pernambucana, é auxiliar de cozinha; o pai, mineiro, é trabalhador informal que atua na maioria das vezes como motorista. Cursou a educação básica na rede pública, formou-se como técnico eletrônico, ingressou por três vezes na universidade pública para cursar Ciências Sociais e Letras, mas só recentemente finalizou a graduação em Pedagogia. Na primeira graduação, na qual ingressou via sistema de cotas raciais, desistiu por não ter condições de se manter estudando no Paraná. Do curso de Letras, acabou jubilado em função da dificuldade de conciliar seus trabalhos na área cultural com os estudos.

---

<sup>2</sup> O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) foi criado pelo Ministério da Educação em 1998 para avaliar os conhecimentos dos alunos que estão concluindo ou já concluíram essa etapa de ensino. Desde 2010, os candidatos com 18 anos completos que atingiram a pontuação mínima estabelecida podem também requerer o certificado de conclusão do ensino médio. A partir da pontuação obtida pode-se, também, pleitear uma bolsa de estudos em universidades particulares por meio do Prouni (Programa Universidade para Todos), criado pelo governo federal para a concessão de bolsas parciais e integrais a estudantes de baixa renda ([www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)).

Embora tenha chegado a aspirar o doutorado, Michel postergou a conclusão do ensino superior para não desperdiçar as oportunidades que foram surgindo na área cultural, inclusive porque esse tipo de trabalho tem sido sua única fonte de renda há alguns anos.

Os dois escritores foram os primeiros membros de suas famílias a acessar o ensino universitário. Raquel beneficiada pela possibilidade de concluir o ensino médio através do Enem e de alcançar o nível superior mediante bolsa do Prouni. Michel também foi beneficiado por uma política de ação afirmativa no nível superior<sup>3</sup>.

No que diz respeito à identidade racial, cabe considerar que Raquel tem o tom de pele moreno, nariz e lábios finos, cabelos lisos e levemente ondulados, e sua identificação racial é marcada pela afirmação da negritude, assim como sua estética corporal, com o uso de *dreadlocks* no cabelo e turbantes, por exemplo. A “descoberta” como negra, como gosta de reiterar, deu-se ainda na adolescência, em função do contato com as letras de rap, em especial dos Racionais MC’s, e aprofundou-se quando ela mesma passou a atuar em um grupo de rap e, posteriormente, dedicar-se à literatura. Michel possui tez clara, cabelos crespos e nariz largo e sua apresentação corporal também remete à estética negra (cabelo *black* ou trançado, uso de *dreads*, roupas com motivos africanos ou frases de afirmação racial). Esse pertencimento foi construído na juventude, a partir do contato com outros colegas negros em um cursinho pré-vestibular popular e na sua inserção no ativismo cultural. Nesse sentido, um primeiro aspecto formativo e decorrente da participação nos movimentos culturais de periferia para ambos os escritores diz respeito à identificação racial negra e a aproximação de leituras sobre a temática.

O envolvimento de Raquel com movimentos culturais ocorreu ainda na adolescência, via movimento *hip hop*, depois ela começou a frequentar saraus de periferia, além de eventos de literatura negra. O engajamento de Michel teve início na juventude, acompanhando o pai em atividades ligadas ao *anarco punk*, aos bailes *black* e a uma rádio comunitária, onde ele mesmo chegou a atuar como programador. Inspirados por coletivos como a Cooperifa e o Sarau do Binho, ainda quando eram casados, Raquel e Michel decidiram criar o Coletivo Literário Elo da Corrente em 2007 e, desde então, promovem atividades que incluem saraus regulares, organização de eventos, formação de professores e uma pequena editora. A partir do coletivo, os dois passaram a se reconhecer como pertencentes ao movimento de saraus das periferias paulistanos e associar suas produções às ideias de literatura periférica e negra, assumindo a identidades de poeta, escritor(a), ativista cultural, arte-educador(a), produtor(a) cultural, a depender do contexto em que se encontram e da oportunidade profissional que se apresenta.

---

<sup>3</sup> As chamadas políticas de ação afirmativas têm sido implementadas no Brasil desde 2003 e consistem, entre outros aspectos, na reserva de um percentual de vagas para estudantes afrodescendentes em universidades públicas, mediante vestibular e alcance de pontuação determinada.

O Elo da Corrente diferencia-se de outros coletivos literários paulistanos por focar sua atuação nas culturas negra, nordestina e periférica, numa relação construída de forma mais explícita tanto entre território (periferia) e raça (negra), quanto entre periferias e o seu histórico de organização no contexto de São Paulo, tendo em vista a significativa presença de trabalhadores negros e migrantes nordestinos desde a formação desses territórios na cidade (CARRIL, 2006). Essa intersecção fortalece as relações entre as artes visibilizadas nos saraus e as tradições populares, ao mesmo tempo que demonstra que o adjetivo periférico assumido pelo coletivo, mais do que uma relação afetiva com determinado espaço geográfico, remonta trajetórias, historicidades e identidades de grupos sociais específicos: os pobres, os negros, os nordestinos.

Os dois escritores distinguem os movimentos de periferia como responsáveis pelo aumento dos seus interesses pela leitura e escrita literária, criação de novos hábitos de lazer, entendimento de que a cultura poderia ser utilizada como ferramenta de transformação social, construção de uma relação de pertencimento à periferia e defesa de suas expressões culturais específicas. Nesse sentido, pode-se considerar que o engajamento cultural nessa movimentação empreendida pela periferia permitiu não apenas a ampliação do capital simbólico desses participantes, como também possibilitou que elaborassem outros sentidos para suas biografias e novos projetos de vida (NASCIMENTO, 2017).

Tal como ocorre com outros coletivos artísticos organizados em territórios periféricos, o Elo da Corrente formou suas lideranças como ativistas culturais, poetas, escritores e arte-educadores, ajudando a ampliar as perspectivas de profissionalização na área da cultura. Os coletivos podem ser vistos, nesse sentido, como um tipo de suporte<sup>4</sup> (MARTUCELLI, 2002) para a transformação de moradores de periferias em artistas e/ou ativistas culturais, tendo em vista que impactam no modo como eles pensam a si mesmos, as suas relações com seus bairros de origem e a cena político-cultural na qual passam a ser projetados. Além disso, esse tipo de participação político-cultural mostrou-se determinante para que Raquel e Michel pudessem obter certa “mobilidade subjetiva”, isto é, uma ascensão simbólica que se alcança por meio pelo reconhecimento de suas capacidades intelectuais e artísticas por seus pares e outros atores comunitários, assim como da ampliação de seus repertórios culturais, educacionais e profissionais (GAMA DA COSTA, 2009).

---

<sup>4</sup> Suporte, nos termos de Martucelli (2002), está para além de redes relacionais, recursos objetivos ou capitais simbólicos. Diz respeito ao conjunto de relações, visíveis e invisíveis, reais e imaginárias, com graus diferenciados de aceitação social, que ajudam os indivíduos a se constituir face ao mundo e se diferenciar uns dos outros.

### 3 PERCURSOS NO MUNDO DO TRABALHO E TRABALHO NA ÁREA DA CULTURA

Quanto ao percurso profissional, Raquel teve suas primeiras experiências de forma muito similar a outras mulheres negras e de origem pobre, ajudando a mãe no trabalho doméstico nas casas de outras famílias. No mercado formal, foi garçonne, operadora de *telemarketing* e operária numa fábrica. Já a trajetória profissional de Michel começou ainda na infância, quando passou a tomar conta de uma barraca de doces dos pais. Foi ajudante de pedreiro, tentou ser jogador profissional de futebol, mas foi pressionado pela família a buscar uma atividade remunerada e com estabilidade. No mercado formal foi ajudante em um mercado e numa empresa de instalações telefônicas, operador de *telemarketing*, monitor de museu e técnico eletrônico, este último posto já conciliado com atividades culturais.

Além dos primeiros cachês esporádicos pelas atividades com o Sarau Elo da Corrente, o primeiro trabalho formal de Raquel e Michel conquistado em função da atuação no campo da cultura foi como arte-educadores em um projeto oferecido a jovens que cumprem medidas socioeducativas, no qual ministravam oficinas de literatura. Depois que deixaram essa ocupação, que ambos consideram ser uma referência para enxergarem a atuação cultural como trabalho e possibilidade de sustento, eles passaram a se dedicar e ter como principal fonte de renda as atividades culturais, tais como as apresentações artísticas, participação em palestras e debates, realização de oficinas literárias e de formação de professores, além da proposição de projetos culturais. Michel teve ainda uma experiência na gestão pública entre 2014 e 2015, quando foi indicado para um cargo comissionado numa fundação ligada ao Ministério da Cultura, mas segue se dedicando a formatar projetos e a participar de eventos culturais, reconhecendo-se como um profissional da área da cultura e buscando distanciar-se de outras situações de trabalho.

Eu acho que é de 2009, desse trabalho na Fundação Casa, de ter projetos aprovados, de começar a receber convites pra fazer os eventos, de debates, de formação, de escrever em trabalhos não só dos amigos, mas em espaços de expressão, então eu vi que eu tinha que valorizar essa aposta que fizeram na minha pessoa. E também porque eu vi que era algo que eu buscava de trabalhar, de buscar, de me preparar pra fazer bem. Então, quando eu vi que eu tava me preparando, eu acredito que aí eu tive que assumir o profissionalismo. [...] É profissão sim. E agora é mesmo porque eu não faço outra coisa. O que é que eu faço além disso? Não faço mais nada, e quando não tem isso não tem nada, simplesmente [risos]. E também eu não quero fazer outra coisa. Já pensei nisso, mas é muito difícil voltar a outra realidade. Aí já era! [...] Mas a maioria dos nossos tá em dúvida, tem uma coisa de crise constante ‘do que eu sou’, ‘do que eu vou viver’, e não é fácil mesmo. (Michel Yakini em entrevista realizada em junho de 2015)

Muito embora se veja também como ativista das questões raciais, culturais e de gênero, Raquel considera que sua militância “ganhou corpo de trabalho”, e reconhece-se como arte-educadora e poeta. Recentemente, lançou a coletânea de contos *Yõnu* (Elo da Corrente Edições, 2019), mas a sua produção

é majoritariamente no gênero da poesia, no qual acumula a publicação de dois livros<sup>5</sup>, além da participação em antologias de outros saraus periféricos e da chamada literatura negra. Ela considera que não houve um momento específico em que decidiu que iria viver de sua arte, pois enxerga que os convites para trabalhos artísticos remunerados se tornaram um desdobramento “natural” da atuação do coletivo, permitindo que ela deixasse de procurar trabalho formal em outros setores. Mas Raquel reconhece que a falta de regularidade nas contratações e a instabilidade das ocupações na área cultural geram descontentamento, incertezas quanto ao futuro e mesmo “crises” com relação a esse tipo de atuação.

Porque tem convites, faz uma oficina ali, uma oficina aqui, mas não é isso que vai te manter, né? Uma vez por mês que pinga e olhe lá e a gente tem vida: tem conta, tem faculdade, tem filho, tem não sei o que, então não tem sido um meio muito fácil. A gente espera ou uma contratação ou espera um convite, e não dá pra viver de espera. (Raquel Almeida em entrevista realizada em agosto de 2015)

Porém, Raquel empenha-se e acredita que é possível sobreviver das atividades culturais. Ela considera que a própria expansão dos movimentos de periferia ofereceu essa possibilidade para muitos dos artistas e ativistas, ainda que vários deles também sofram com a intermitência ou a falta de trabalhos, e tenham que recorrer a outras atividades no mercado formal para garantir a sobrevivência. Raquel diz buscar ocupações como arte-educadora em projetos socioculturais, mas ressentir-se que o próprio ativismo e trabalho artístico são colocados como empecilhos para a contratação, dada a dedicação que essas atividades exigem. Além de considerar que o trabalho com questões como periferia, racismo e feminismo podem também ser entraves a novas oportunidades.

Michel lança mão de diferentes estratégias para se profissionalizar e obter oportunidades no mercado cultural, já que ele próprio é o responsável pela condução de sua carreira<sup>6</sup>. O escritor criou uma rotina para a leitura e a escrita literária, alterna a produção entre prosa e poesia; envia seus originais para a apreciação de editoras comerciais de médio e grande porte; dedica-se a conhecer o calendário de programação de instituições culturais e feiras literárias para poder oferecer seus projetos; assim como busca diversificar suas atividades para pleitear mais oportunidades. Ele investe na proposição de atividades formativas para professores e gestores educacionais, também atua como colunista para portais jornalísticos e literários, além de ser um dos poucos escritores do cenário periférico a contar com um *site* pessoal, em versão trilingue (Português, Espanhol e Inglês), onde é possível acessar seus textos, currículo, agenda e contato.

---

<sup>5</sup> *Duas gerações sobrevivendo no gueto* (2011), em coautoria com Soninha Mazzo, e *Sagrado sopro* (2014), ambos pelo selo Elo da Corrente Edições.

<sup>6</sup> Publicou os livros *Desencontros* (contos, 2007), *Acorde um verso* (poesia, 2012) e *Crônicas de um Peladeiro* (crônicas, 2014), o primeiro uma autopublicação e os outros dois pelo selo Elo da Corrente. Também lançou o romance *Amanhã quero ser vento*, em 2019.



Como escritor, Michel alcançou mais possibilidades de trabalho e de circulação de suas obras: já fez uma série de viagens internacionais<sup>7</sup> para divulgar sua carreira, foi alvo de interesse de editoras comerciais e circula com frequência por espaços acadêmicos. E considero que a dimensão de gênero tem um peso nessas oportunidades, uma vez que o escritor é expressão de um meio (a literatura) e de um movimento (de periferia) em que os homens têm presença majoritária e protagonista. Na cena literária das periferias, ainda é pequena a presença das mulheres que se assumem escritoras e ganham destaque, e menor ainda a parcela das que conseguem publicar trabalhos autorais (NASCIMENTO, 2011).

Mesmo sendo possível considerar que a estigmatização como periféricos é o vetor da carreira desses escritores (NASCIMENTO, 2006), Raquel e Michel sinalizam que pode haver tratamento diferenciado por serem artistas e ativistas culturais oriundos e atuantes na periferia. Tal diferenciação seria manifestada por exemplo, no valor do cachê oferecido a eles (menor do que o recebido por seus pares), nas condições de trabalho (equipamentos e infraestrutura ruins, horários que desfavorecem o comparecimento de público etc.), ou mesmo, na vinculação de suas produções apenas a uma dimensão político-social (e uma conseqüente desvalorização de suas qualidades estéticas). Diante disso, os dois se preocuparam em aprender a negociar cachês, a preparar-se para oferecer a melhor performance e/ou conteúdo, e a construir uma postura profissional que não dê margem a formas mais precarizadas de executar seus trabalhos.

No entanto, embora haja nos discursos desses escritores o apontamento de especificidades com relação ao fato de terem suas carreiras associadas ao espaço social da periferia, as dificuldades que encontram para sobreviver de seus trabalhos culturais não diferem daquelas encontradas por outros produtores ligados a outras linguagens artísticas e expressões culturais tidas como eruditas. Como apontam os diferentes estudos organizados por Segnini e Bulloni (2016), tem-se um quadro de tensões e desafios inerentes à relação entre arte/cultura, trabalho e profissão no Brasil, onde se misturam: as dificuldades de acesso à qualificação de talentos e vocações em diferentes camadas sociais; os problemas relacionados à inserção e permanência no mercado de trabalho cultural; e as dinâmicas desse mercado cada vez mais organizado por leis de incentivo fiscal e editais públicos e não por uma estrutura de formalização das relações de trabalho, o que dificulta que os artistas possam viver dignamente daquilo que se sentem capacitados e gostam de fazer.

O que parece haver de específico, no caso da produção literária das periferias, é um longo caminho para que os seus autores superem a redução de suas obras e intervenções a certa importância histórica e política por parte do mercado cultural, da academia e do público-leitor. Redução esta que

---

<sup>7</sup> Michel circulou por eventos literários em países como Argentina, Cuba, México, França, Alemanha, Espanha, Paraguai, Chile e Egito, além de ter trabalhos traduzidos para o espanhol, inglês e árabe. Raquel esteve na Argentina e nos Estados Unidos para divulgar sua produção literária e também tem textos traduzidos para o espanhol e o inglês.

diminui suas chances de circulação por feiras literárias e equipamentos culturais de prestígio, contratação por grandes editoras, premiações, reconhecimento financeiro e estabilidade na vida profissional.

#### 4 TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA, ATUAÇÃO CULTURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

As experiências que Raquel e Michel tiveram na área da cultura, seja por meio de contratos de trabalho, seja por meio de políticas públicas, interferiram na vivência da juventude e na passagem para a vida adulta. A participação nos movimentos culturais forneceu a base das relações de amizade de que dispõem atualmente, proporcionou a eles relações afetivas e experiências de participação político-cultural, além de ter-lhes fornecido as identidades profissionais com as quais têm circulado pelo mercado de trabalho.

No caso de Raquel, o contato com distintos movimentos foi determinante para que ela ampliasse seu repertório cultural e sua rede de contatos, permitindo-lhe encontrar sentidos para a sua existência que não eram atribuídos a partir das opções que a família impunha a ela: o vínculo com a igreja evangélica e o trabalho numa grande fábrica. Para Raquel, o engajamento cultural forneceu possibilidades de ativismo nas questões raciais e de gênero, assim como ajudou a delinear um projeto de vida, que inclui o desejo de sobreviver das atividades culturais e de se graduar em algum curso da área de Artes.

Mas Raquel considera que juventude e maturidade sempre estiveram imbricadas na sua trajetória, uma vez que desde a adolescência ela assumiu tarefas ligadas ao mundo adulto (o cuidado dos irmãos e o trabalho), e ainda jovem casou-se, tornou-se mãe e liderança de um coletivo literário. Para ela, no entanto, o lançamento de seu segundo livro e o divórcio podem ser vistos como marcos da vida adulta, sendo o livro uma espécie de produto de certa maturidade intelectual e artística, e o divórcio um fator de desvinculação de sua imagem e de sua carreira a do ex-marido.

Já Michel localiza a vivência da juventude como um período de incertezas sobre o futuro profissional e educacional, assim como de vivência de situações que o aproximavam do mundo adulto: foi arrimo de sua família nuclear, casou-se duas vezes, tornou-se pai e liderança de um coletivo literário. Além disso, como um jovem negro e morador de periferia, considera que sempre teve receio de não sobreviver mais do que 30 anos, tendo em vista a violência e a falta de expectativa de vida desse grupo populacional. Assim, Michel considera que o ativismo o ajudou a criar um foco para a sua vida profissional e a ampliar suas expectativas pessoais.

De tal modo, os dois escritores empenham-se em conduzir seus projetos de vida, a despeito das instabilidades e desafios da atuação profissional na área da cultura. Ambos são originários das camadas populares, onde as trajetórias de trabalho estão predominantemente ligadas às atividades de baixa especialização e a possibilidade de mobilidade social se dá mais em função da ampliação dos anos de

estudo do que pela dedicação à carreira literária. Raquel e Michel ressentem-se de serem pouco compreendidos por seus familiares, embora localizem algumas demonstrações de “orgulho” e “respeito” por terem publicado livros e desenvolvido trabalhos artísticos.

Minha família não entende até hoje, mesmo eu ficando horas, e horas, e horas pra explicar, eles não entendem o que é o que eu faço. Ah, você escreve? Você sempre escreveu! Então não é uma coisa assim [...] Só que como é uma família é uma família de negros, trabalhadores, oriunda da Bahia, só falar e mostrar o livro não resolve muita coisa, tem que ver.... porque é uma coisa que a gente tem que cavar com a unha. Meu pai, ele fala direto pra mim: vai pra Jundiáí, tem vários empregos lá, tem várias fábricas que você pode voltar a trabalhar. É o conselho que ouço diariamente: o que você faz não tem futuro. Eu não dou o braço a torcer na hora, eu deixo ele falando, mas eu também fico pensando nisso. (Raquel em entrevista em agosto de 2015)

Eu acho que agora é mais de respeito, eles compreendem mais que é um trabalho. Acho que também porque eu insisti em mostrar que era uma coisa profissional. Acho que é um respeito, não acho que é uma expectativa porque eu não criei nenhum horizonte pra eles. Eu tenho os meus objetivos e tal, mas a minha família acompanha à medida que vai acontecendo, eles nunca sabem o planejamento que eu tô tendo [...] Acho que eles também compreendem porque eu já tô numa idade, eu já sou mais velho... acho que eles compreendem por também respeitar que eu também sou adulto já, não sou um jovem apostando em alguma coisa, em qualquer coisa, que eu sou um aventureiro do fazer. De ver que eu tenho uma regularidade, uma seriedade com isso, que isso faz diferença na minha atuação. (Michel em entrevista em junho de 2015)

Do mesmo modo que a cultura continua sendo uma dimensão central para se pensar a socialização, a produção de identidades e a atuação de jovens e adultos periféricos na cena pública (DAYRELL, 2005a), as políticas que atingiram transversalmente as trajetórias dos escritores estudados também podem ser vistas como intervenções que influíram na construção de seus projetos de vida. Para Raquel e Michel, a disputa por editais públicos e inscrição em prêmios está relacionada ao processo de profissionalização na área cultural e amadurecimento pessoal. Com relação às políticas oferecidas pela Secretaria Municipal de Cultura São Paulo, o Elo da Corrente foi contemplado pelo Programa VAI em três ocasiões (2008, 2010 e 2014), além de ter recebido o Fomento à Periferia em 2018<sup>8</sup>. Para os escritores enfocados, os aportes recebidos viabilizaram: a editoração das obras de poetas ligados aos saraus; a compra de equipamentos (microfone, caixa de som, computador, máquina fotográfica); a oferta de formação política e artística para frequentadores dos saraus; a organização de um espaço cultural próprio e de mostras artísticas. Além disso, o coletivo também foi beneficiado pelo projeto Veia e Ventania, entre

---

<sup>8</sup> O Programa para a Valorização das Iniciativas Culturais (VAI) foi criado em 2003 pela Prefeitura de São Paulo e, desde então, destaca-se como uma política que oferece a jovens de baixa renda a possibilidade de se apresentarem como produtores culturais, acessarem recursos financeiros públicos e passarem por experiência formativa na área da cultura. Já a Lei de Fomento à Periferia é de 2016 e foi originada da formulação e pressão de coletivos culturais periféricos. Os grupos atuantes nas regiões mais pobres da cidade podem pleitear financiamentos entre R\$ 100 e R\$ 300 mil, com projetos de duração de até dois anos, em qualquer linguagem artística.

os anos de 2011 a 2017, para realizar atividades mensais numa biblioteca pública no bairro onde atuam, sendo a remuneração advinda dessa contratação a principal fonte de renda das lideranças do coletivo nesse período<sup>9</sup>.

Para os dois entrevistados, as ações públicas foram importantes por viabilizar a estruturação e expansão das atividades do Elo da Corrente. No nível individual, para além de se constituírem como fontes de renda para a construção de carreiras na cultura, também representaram a oportunidade de formação como proponentes de projetos, organizadores de eventos e editores. Raquel e Michel valorizam todo o aporte recebido, sobretudo por ser dinheiro público e fruto do reconhecimento de diferentes gestões da produção e da atuação dos artistas ligados à cultura periférica.

Michel pontuou, também, que “dominar os códigos da escrita e da apresentação de projetos”, assim como ter registro jurídico do coletivo, é parte importante do desenvolvimento da autonomia dos produtores periféricos, e também uma forma de se municiarem para “não serem usados como massa de manobra” por outros produtores, gestores e organizações sociais que “só precisam de um pobre para incluir no projeto”. Vale enfatizar ainda que, sendo fundadores e lideranças do coletivo Elo da Corrente, a profissionalização desses sujeitos e o acesso que obtêm a certas políticas culturais também os coloca como referência para que outros frequentadores de saraus ambicionem sobreviver ou complementar suas rendas com o trabalho cultural.

Os dois escritores reconhecem a importância das políticas para os coletivos da periferia e para a vida cultural da cidade. Por serem impactados pelos limites dos recursos públicos e incapacidade do Estado de dar conta da demanda de tantos artistas-ativistas surgidos nas últimas décadas, os diferentes coletivos passaram a defender suas demandas comuns frente ao poder público (para garantir a produção, circulação e consumo de suas obras e atividades) e, com isso, também se fortaleceram como parte de um mesmo movimento. No entanto, mesmo após diversas tentativas de serem autossustentáveis, poucos conseguiram alcançar independência das ações públicas para garantir tanto as ações coletivas, quanto as carreiras individuais dos seus membros.

Tudo que a gente faz a gente precisa de dinheiro pra poder manter. Conversando com outros coletivos, a maioria se mantém por edital. A gente até gostaria que fosse diferente, mas infelizmente... pode ser sido até um vício que a gente criou, não sei, mas é uma coisa que é fundamental pra nossa atuação. A gente não consegue publicar livro sem o VAI hoje em dia, sem o Proac... é caro. Ninguém desse movimento tem estrutura pra se bancar, bancar um projeto. Fora isso não tem outra expectativa, não tem.

---

<sup>9</sup> O Projeto Literatura Periférica – Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo ocorreu entre 2011 e 2017 nas bibliotecas públicas vinculadas à Prefeitura. Elaborado por gestores da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, essa ação teve início com o convite para que alguns coletivos literários periféricos de maior visibilidade na cidade realizassem, mensalmente, atividades de incentivo à leitura e formação na área da cultural, visando aproximar o público do entorno do acervo e dos espaços das bibliotecas públicas paulistanas.

Ninguém é milionário, então vai pro edital mesmo. (Michel em entrevista realizada em junho de 2015)

As políticas culturais elaboradas pelo poder público do município de São Paulo, que focalizam jovens e moradores de periferia, tentam abarcar os diferentes níveis do sistema de produção cultural: a criação, com o fomento a produtos, práticas e percursos formativos; a circulação, por meio do reconhecimento e contratação desses artistas; e o consumo, com a construção de equipamentos em regiões desprovidas de recursos e serviços. Tal como sinalizado em alguns estudos (ABRAMO, 2008; ALMEIDA, 2009; e MAIA, 2014), são políticas legitimadas e apropriadas pela população, e valorizadas no discurso por boa parte dos artistas e ativistas, mas também passíveis de críticas quanto aos seus limites e alcances, entre as quais: os recursos ainda insuficientes para atender o crescente contingente de interessados; a intermitência de programas e editais; e os mecanismos de difusão dos programas que não atingem a parcela dos menos escolarizados e moradores de regiões de pouca efervescência cultural.

Entretanto, como notaram Vilutis (2009), Abreu (2010) e Nunes (2015) essa conjuntura de desenvolvimento de políticas culturais – ainda que marcada por limites e desafios – mostrou-se importante por ter incorporado demandas de populações historicamente marginalizadas, bem como por permitir que sujeitos das camadas populares recebessem algum tipo de capacitação e pudessem criar novas expectativas com relação ao mercado de trabalho. Esses estudiosos tratam de valorizar a centralidade da função pública do Estado: enquanto indutor de ações transformadoras em diferentes campos e de efetivação daquilo que se reconhece como direito, inclusive no que diz respeito ao direito de produzir e fruir a cultura, assim como de se inserir no mercado de trabalho em condições adequadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias aqui descritas são algumas das materializações possíveis de serem encontradas no contexto da produção literária das periferias. É preciso considerar que há autores que se dedicam à carreira literária e querem ser reconhecidos como escritores, e outros tantos que encontram na produção ou na declamação poética uma maneira de expressão individual e coletiva, assim como identificam nos saraus um espaço de sociabilidade, de formação de novas amizades, de vivência comunitária e de perspectivas profissionais.

Além disso, como demonstram outros trabalhos que focalizam trajetórias de artistas e ativistas periféricos (como MIRANDA, 2010; SOUTO, 2014; e SILVA, 2016), o mesmo movimento produziu poetas e escritores que ocupam diferentes posições no cenário literário: podem ou não conseguir sobreviver das atividades artísticas; estar ligados a editoras de prestígio, se manterem no esquema de autopublicação ou publicação nas pequenas editoras literárias organizadas nas periferias; acumularem

experiências de participação em feiras nacionais e internacionais ou apenas circular quando há ações dos coletivos aos quais estão ligados. O que não se pode ignorar é que a participação em coletivos literários nas periferias tem impactado no modo como indivíduos de camadas populares agenciam novas identidades para si, ampliam suas oportunidades de trabalho formal e informal e se relacionam com o contexto social mais amplo.

Os saraus de periferia desmitificam a ideia de que a escrita literária deve ser pensada somente em relação aos membros das camadas média e alta, ou aos sujeitos adultos e com alta escolarização, tal como figuraria no imaginário social. Entende-se que a projeção dos escritores periféricos contribui para a diversificação do perfil sociológico dos autores brasileiros, uma vez que se trata de sujeitos negros e periféricos assumindo o projeto estético de retratar a si e as suas visões de mundo na literatura, e reivindicando reconhecimento artístico.

A literatura que emerge das periferias e se manifesta nos saraus tornou-se um modo pelo qual alguns sujeitos inscrevem seus corpos e suas subjetividades no campo cultural e também nas cidades. Por meio da produção literária e da atuação político-cultural, poetas, escritores e ativistas periféricos ressignificam suas biografias e territórios, constroem novos discursos sobre si, seus corpos, suas subjetividades e vivências, na busca por uma representação positiva e afetiva do que comumente (e literariamente) está associado à falta intelectual e material, objetificação, violência e subalternidade. Uma oportunidade histórica para que acadêmicos, o mercado cultural e os acadêmicos considerem as periferias não apenas por suas ausências, mas também por suas potências criativas.

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. “O VAI no contexto das políticas para a juventude”. In: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. *VAI – 5 anos*. São Paulo: SMC, 2008, p.14-15.

ABREU, James Lemos de. *Cultura e política: o caso do Programa VAI em São Paulo*. Tese (Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Renato de Souza. *Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” [1986]. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006.

GAMA DA COSTA, Antonia. “Fazendo do nosso jeito”: o audiovisual a serviço da “ressignificação da favela”. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005a.

DAYRELL, Juarez. “Por uma pedagogia da juventude. *Onda Jovem*, São Paulo, n.1, p. 34-47, 2005b.

MAIA, Harika. *Grupos, redes e manifestações: a emergência dos agrupamentos juvenis nas periferias de São Paulo*. Mestrado (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

MARTUCELLI, Danilo. *Gramáticas del individuo*. Buenos Aires: Lousada, 2002.

MIRANDA, Waldilene S. *Intelectuais “da periferia”: das ambivalências à (re)significação do imaginário nacional*. Mestrado (Sociologia). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Produtores da periferia em São Paulo: perspectivas de profissionalização na área cultural*. Relatório final de estágio de pós-doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2017.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2006.

NUNES, Ariel. Programa Cultura Viva: primeiras aproximações de um campo político. *Anais do VI Seminário Internacional de Política Cultural*, 2015. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto, Âmbar, 2001.

SEGNINI, Liliana e BULLONI, Maria. *Trabalho artístico e técnico na indústria cultural*. São Paulo: Itaú Cultural, 2016.

SILVA, Livia Lima da. *A literatura fora de lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo*. Mestrado (Estudos culturais). Universidade de São Paulo, 2016.

SOUTO, Júlio. *Combater a subcidadania disputando o jogo literário: contribuições ao estudo da literatura marginal periférica*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SPOSITO, Marília. In: Sposito, Marília. “Introdução: espaços públicos e tempos juvenis”. *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007, p. 5-43.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VILUTIS, Luana. “Cultura e juventude: a formação dos jovens nos Pontos de Cultura”. Dissertação (Mestrado em Cultura, Organização e Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

**Title**

When poetry rhymes with work: professional perspectives from a literary events.

**Abstract**

Since the late 1990s, writers coming from low-income background identified mostly as black, and associated with different forms of expression (such as marginal and peripheral literature), have been gaining visibility in the Brazilian cultural scene. Many of them are also engaged in literary collectives organizing literary events in slums and peripheral areas, among other activities, intended to reclaim and resignify the cultural practices associated with economic and cultural elites. Drawing from this context and several cultural policies intended to address the needs of these artists and activists, this article focuses on the career trajectories of Raquel Almeida and Michel Yakini – co-founders of the literary collective Elo da Corrente – to discuss the writers' chances of professionalization in the cultural sector. The data and reflections presented here are based on in-depth interviews carried out at different times in the public performance of these writers, as well as on a series of research projects on the cultural production arising from the peripheries of São Paulo (NASCIMENTO, 2006; 2011 e 2017). In conversation with theories exploring social trajectories (BOURDIEU, 1986), life projects (DAYRELL, 2005a), transition into adulthood (SPOSITO, 2007) and policies addressing the democratization of culture (such as VILUTIS, 2009, ABREU, 2010 and MAIA, 2014), this article explores literary events not only as important spaces for the production and distribution of peripheral literature but, above all, as spaces through which its regular participants build their subjectivities. These events allow participants to explore different ways of being in the world, facilitating emotional ties to the peripheral areas and giving access to new opportunities for political participation, community life and professional experience.

**Keywords**

Peripheral writers; literary events; cultural policies.

---

Recebido em: 31/07/2020.

Aceito em: 05/03/2021.